



O projeto formativo do CSEGPS: Reflexões sobre o ensino na formação em saúde

Samantha Caesar de Andrade
Luciana Xavier Junqueira

O CSEGPS foi criado na década de 1920 como parte do projeto de modernização do Instituto de Higiene da Universidade de São Paulo, então sob a liderança do sanitarista Geraldo Horácio de Paula Souza. Inspirado em modelos norte-americanos de saúde pública, especialmente os vinculados à Fundação Rockefeller, o CSEGPS surgiu como o primeiro Centro de Saúde modelo do Brasil, com o objetivo de integrar ensino, assistência e pesquisa (DOLCI, 2019).

Desde sua origem, o CSEGPS foi concebido como um espaço formador, dedicado à prática pedagógica em saúde pública. Nele, estudantes de diversas áreas da saúde poderiam vivenciar atividades práticas diretamente com a comunidade, consolidando o conhecimento teórico adquirido. Seu propósito principal era funcionar como um laboratório vivo de práticas sanitárias modernas, baseado na educação sanitária e na prevenção de doenças, rompendo com o modelo higienista puramente fiscalizador da época (DOLCI, 2019).

A proposta pedagógica era inovadora para o contexto brasileiro, pois colocava o campo como parte essencial da formação, e não apenas como estágio complementar. O CS serviu como base para a formação de profissionais voltados ao serviço público de saúde, especialmente educadores sanitários, técnicos e médicos sanitaristas comprometidos com uma atuação articulada entre ciência, prática social e compromisso público.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o projeto formativo do CSEGPS abordando metodologias inovadoras, a

ampliação do acesso e a interdisciplinaridade na formação, enfatizando a articulação com a pesquisa e a assistência, além das dificuldades e estratégias para superar os desafios.

A Comissão de Ensino do CSEGPS: experiência e compromisso com a formação profissional no SUS

O CSEGPS tem se reconfigurado de modo a manter sua relevância na preparação de profissionais críticos, éticos e comprometidos com o SUS. Desde 2010, Frenk et al. apontam a urgência de uma reforma na formação dos profissionais da saúde para o século XXI, propondo uma educação transformadora, com foco na liderança, na colaboração interprofissional e na capacidade de atuar nos sistemas de saúde de forma crítica e inovadora. Essa visão reforça a importância de uma formação integrada ao serviço e à comunidade.

Segundo Ceccim e Feuerwerker (2004), a formação em saúde precisa dar conta de articular quatro dimensões fundamentais: ensino, gestão, atenção e controle social. Essa perspectiva é apresentada pelos autores como o “quadrilátero da formação”, que propõe uma formação integrada, crítica e contextualizada, alinhada aos princípios do SUS. Essa proposta dialoga com as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2014), que incentivam a integração entre teoria e prática, a interprofissionalidade e a educação centrada no usuário. Para Freire (1996), o ensino precisa respeitar o saber do educando e se basear no diálogo e na autonomia.

Apesar de o CSEGPS ser concebido para ser um espaço formador, foi somente em 2018, sob gestão do Prof. Paulo Rogério Gallo que foi criada a “Comissão de Ensino” ocupando papel estratégico na estruturação das atividades formativas.

As atribuições da Comissão de Ensino no CSEGPS envolvem um conjunto articulado de ações, que compreendem:

- **Planejamento pedagógico:** desenvolvimento e atualização dos



planos anuais de estágio, definição de objetivos educacionais e organização de ações integradas entre as áreas técnicas da unidade e os programas de ensino.

- **Gestão dos estágios:** coordenação do fluxo de estudantes de curso técnico, graduação e pós-graduação de diferentes cursos da USP e instituições conveniadas. A Comissão é responsável por intermediar a formalização de estágios, garantir a qualidade pedagógica das experiências e acompanhar a inserção dos estudantes nos diferentes setores da unidade.
- **Supervisão e apoio aos preceptores:** organização de momentos formativos voltados à qualificação pedagógica dos profissionais da unidade que atuam como preceptores, com incentivo à educação permanente.
- **Acompanhamento discente:** acolhimento e escuta dos estudantes em suas vivências formativas, promoção de espaços de reflexão coletiva e apoio nos desafios que surgem ao longo do percurso pedagógico.
- **Interlocução com instituições de ensino:** articulação com os cursos da USP e outras universidades, além da representação do setor de ensino do CSEGPS em fóruns institucionais e eventos da área.
- **Gestão documental:** organização e emissão de documentos como termos de compromisso, planos de estágio, registros de frequência e relatórios de avaliação.
- **Promoção da interprofissionalidade:** fomento à construção de experiências educativas integradas entre estudantes de diferentes áreas da saúde, a partir de projetos, oficinas, discussões de caso e planos terapêuticos singulares.

A atuação nesse espaço vai além da gestão técnico-administrativa. A presença cotidiana no CSEGPS representa um compromisso com uma pedagogia do cuidado, ancorada na escuta, no diálogo e na valorização da experiência dos sujeitos em formação, contribuindo de forma decisiva para que o Centro de Saúde Escola se mantenha como

referência na formação em saúde pública, articulando os princípios da integralidade, da interprofissionalidade e da equidade (NODARI e CECHINEL, 2018; FREIRE, 1996).

Assim, cabe destacar que, em 2024, o CSEGPS recebeu 1.075 estudantes para estágios de graduação e residências, contribuindo, significativamente, para a formação prática e o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais à atuação na saúde comunitária e em contextos da Atenção Básica.

Formação Acadêmica Frente às Exigências Contemporâneas da Educação em Saúde

A complexidade dos desafios enfrentados no cotidiano do SUS exige profissionais preparados não apenas tecnicamente, mas também capazes de atuar de forma colaborativa, com uma escuta qualificada e uma visão ampliada do cuidado. Nesse contexto, a educação interprofissional (EIP) emerge como uma estratégia essencial para a formação em saúde, ao promover o aprendizado conjunto entre diferentes áreas, com foco na integralidade da atenção.

Segundo Oliveira e Prado (2013), a educação interprofissional permite que estudantes de distintas formações aprendam uns com os outros, o que favorece a construção de práticas compartilhadas e solidárias. Esse processo rompe com o modelo tradicional, ainda predominante, de formação fragmentada por categorias profissionais, o qual historicamente contribuiu para um cuidado médico-centrado e verticalizado, limitando a atuação em equipe e o reconhecimento de outras formas de saber e de cuidado.

Malacarne e Rocha (2022) analisaram a produção acadêmica nacional sobre a educação em saúde na área de ensino e identificam que, apesar da persistência de modelos tradicionais, há um movimento significativo em direção à adoção de metodologias ativas, da interprofissionalidade e da problematização como eixo formador.



A proposta da EIP está alinhada à necessidade de se formar sujeitos capazes de lidar com a multiplicidade das demandas do SUS, atuando em grupos interdisciplinares, dialogando com a comunidade e exercendo o cuidado de forma corresponsável. Mais do que uma proposta pedagógica, a educação interprofissional é uma mudança de cultura: propõe deslocar o foco da formação centrada na doença e na prescrição para uma prática centrada no usuário, na escuta, na construção coletiva do cuidado.

Como uma estratégia estruturante para a formação crítica, ética e comprometida com o SUS, o CSEGPS propõe que cada estudante acompanhe todas os setores, como a recepção, o acolhimento, a vacinação, a farmácia, a coleta de exames, o laboratório, a regulação, a vigilância sanitária, as consultas individuais, além dos atendimentos em grupo e das reuniões administrativas e de discussão de casos e matriciamento. Essa experiência amplia o campo de aprendizagem e aproxima o futuro profissional das vivências concretas do SUS, estimulando o reconhecimento das interdependências entre os saberes e a construção de um cuidado mais humanizado e horizontal.

Entretanto, a implementação da EIP ainda encontra resistências institucionais e culturais, tanto nas universidades quanto nos serviços. A lógica da especialização e da autonomia profissional muitas vezes impede o avanço de práticas verdadeiramente colaborativas. Por isso, é necessário que as instituições formadoras, os gestores e os próprios profissionais em formação assumam um compromisso coletivo com a mudança, criando espaços de integração e diálogo que favoreçam a superação dos limites impostos pela segmentação das profissões.

Integração entre Ensino, Pesquisa e Assistência: desafios e potencialidades

O projeto formativo do CSEGPS destaca sua capacidade de integrar ensino, pesquisa e assistência favorecendo projetos de

iniciação científica, extensão universitária, trabalhos de conclusão de curso de graduação e de residência multiprofissional, além de mestrados e doutorados, articulando a pesquisa aos serviços prestados à comunidade. Um exemplo disso é a tese de doutorado “Grupos Educativos de Alimentação e Nutrição: um cenário promotor da autonomia nas escolhas alimentares” (VINCHA, 2017), conduzida por uma pós-graduanda e uma docente do departamento de Nutrição da FSP-USP em parceria com as nutricionistas do CSEGPS, que resultou em um modelo de grupo inovador com uma tecnologia de cuidado nutricional que vem a fortalecer a autonomia nas escolhas alimentares dos indivíduos (VIEIRA et al., 2017).

Algumas áreas do CSEGPS ganham destaque pela procura por estágios e desenvolvimento de pesquisas, como o serviço de nutrição, considerando que a FSP é sede do curso de Nutrição da USP. O Centro de Saúde abriga o CRNutri (Centro de Referência em Alimentação e Nutrição), que atua na assistência, porém todo modelo de atenção é focado na formação de profissionais (VIEIRA et al., 2017). O CRNutri e o setor de saúde mental, durante anos, acolheram o programa de aprimoramento profissional estadual, com objetivo de proporcionar formação especializada e visão crítica a profissionais recém-formados, alinhados aos princípios do SUS.

A presença de docentes da USP vinculados a diferentes setores do CSEGPS, como saúde da mulher, geriatria e dermatologia sanitária, desperta o interesse dos alunos para a residência profissional. O CSEGPS, desde 2017, também é um dos cenários da Residência Multiprofissional em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde da SMS-SP.

A Educação Permanente em Saúde (EPS), conforme definida pelo Ministério da Saúde e pelas diretrizes do SUS, é uma estratégia de formação contínua e transformadora dos trabalhadores da saúde, baseada na reflexão crítica da prática e no cotidiano do trabalho como espaço privilegiado de aprendizagem (BRASIL, 2007). No CSEGPS, os



estudantes têm a oportunidade de vivenciar todas as etapas da EPS, do planejamento à execução, o que reforça o compromisso do serviço com a formação profissional.

O CSEGPS tem ampliado sua participação nos programas de educação permanente oferecidos à RAS por meio da Escola Municipal de Saúde como uma estratégia fundamental para a qualificação do trabalho e o fortalecimento do SUS. Vale destacar que uma das principais atribuições da URSI é atuar como polo formador, promovendo treinamento e matriciamento em saúde da pessoa idosa aos profissionais da RAS.

Dentre as atividades de educação permanente oferecidas em 2024 pelo CSEGPS, destacam-se: “Sexualidade no envelhecimento – orientações práticas”, “Cuidados paliativos: ênfase na atenção primária”, “Cuidado à população trans e travesti – enfoque multiprofissional no envelhecimento”, “AMPI-AB – Capacitação em Avaliação Multidimensional da Pessoa Idosa”, “Instabilidade postural e quedas – prevenção e manejo”, “Saúde mental e envelhecimento – ações integradas”, “Curso em Geoterapia – difusão de técnicas”, “Curso em Cromoterapia – abordagem prática”, “Capacitação em imunização – atualização em práticas”, “Capacitação em enfermagem – curativos, medicações e dispositivos vasculares”, “Urgência e emergência pediátrica”, “Saúde da mulher – prevenção de câncer de mama e colo do útero”, “Inserção de implante subdérmico – curso prático em etonogestrel”, entre outros.

Entretanto, esses processos não estão isentos de desafios. A adaptação a novas tecnologias, especialmente no período pós-pandêmico, tem exigido investimentos em infraestrutura digital, desenvolvimento profissional e repensar as práticas pedagógicas. Durante a pandemia, por exemplo, os profissionais e preceptores do CSEGPS implementaram atividades remotas com os estudantes, como discussões de casos *online*, acompanhamento do desenvolvimento de grupos educativos remotos, desenvolvimento de materiais educativos

para mídia digital, garantindo a continuidade do vínculo pedagógico-assistencial. Silva et al. (2021) destacam que a pandemia expôs desigualdades e exigiu das instituições uma rápida reestruturação das atividades formativas.

A ampliação do acesso ao ensino, com atenção à diversidade dos perfis estudantis, também impõe reflexões sobre práticas pedagógicas mais inclusivas e acolhedoras. Além disso, a efetivação da interdisciplinaridade requer a superação de barreiras institucionais e culturais. Peduzzi (2001) observa que o trabalho em equipe na saúde exige interação e complementaridade de saberes, o que demanda a formação de profissionais com habilidades para o diálogo, a escuta e a corresponsabilidade. Oliveira e Prado (2013) reforçam que a educação interprofissional deve ser inserida de forma transversal nos currículos para desenvolver competências colaborativas desde a formação inicial.

Diante disso, o projeto formativo do CSEGPS reafirma seu compromisso com uma educação transformadora, crítica e socialmente referenciada. Trata-se de um processo dinâmico, em constante avaliação e aprimoramento, no qual o protagonismo discente, a valorização das práticas profissionais e a escuta da comunidade são elementos centrais. Em tempos de mudanças rápidas e incertezas, a experiência do CSEGPS busca articular tradição e inovação na formação de profissionais de saúde pública preparados para os desafios do presente e do futuro.



Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Série Pactos pela Saúde, 2006; v. 9).

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação da área da saúde**. Resolução CNE/CES n. 3, de 20 de junho de 2014. Diário Oficial da União, Brasília, 23 jun. 2014. Seção 1, p. 8-11.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 41–65, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312004000100004>.

DOLCI, MC. **Entre a Ciência e a Política: Ensino, Atendimento e Pesquisa no Instituto de Higiene de São Paulo (1916-1951)**. Tese-Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRENK, J. et al. Health professionals for a new century: transforming education to strengthen health systems in an interdependent world. **The Lancet**, London, v. 376, n. 9756, p. 1923–1958, 2010. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(10\)61854-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(10)61854-5).

MALACARNE, J. A. D.; BORGES ROCHA, M. Educação em Saúde na área de Ensino: tendências e padrões em estudos brasileiros. **Revista Cocar**, Belém, v. 16, n. 34, p. 1–19, 2022.

NODARI, J. R.; CECHINEL, A. **Pedagogia do cuidado: uma abordagem para a formação humana**. Curitiba: CRV, 2018.

OLIVEIRA, M. A.; PRADO, M. L. Educação interprofissional na formação em saúde: uma necessidade para o trabalho em equipe. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 17, n. 47, p. 983–985, out./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622013.0475>.

PEDUZZI, M. Equipe multiprofissional de saúde: conceito e tipologia. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 103-109, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102001000100016>.

SILVA, C. et al. Ensino na saúde em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 3–10, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021261.36662020>.

VIEIRA, V. L.; ANDRADE, S. C.; GIOVANNETTI, A.; CERVATO-MANCUSO, A. M. CRNutri: integração, pesquisa e ensino em cenário de cuidado nutricional. In: CERVATO-MANCUSO, A. M.; SANTOS, L. A. (org.). **Mudanças alimentares e educação alimentar e nutricional**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. p. 69–77.

VINCHA, K. R. R. **Grupos Educativos de Alimentação e Nutrição: um cenário promotor da autonomia nas escolhas alimentares**. 2017. Tese (Doutorado em Nutrição em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.